

## **Mairawê Kaiabi**

Associação Terra Indígena Parque do Xingu – ATIX

Mesa: Etnodesenvolvimento, mercado e mecanismos de fomento: as possibilidades reais de desenvolvimento sustentado para sociedades indígenas.

Uma boa tarde para todos os presentes. Eu gostaria primeiramente de agradecer ao convite e de contar aqui um pouquinho a respeito da Associação Terra Indígena do Xingu, que é uma associação que tem três anos e meio de criação e que abrange 14 etnias no Parque Indígena do Xingu. Durante estes três anos temos trabalhado com a comunidade visando sua conscientização com relação à sociedade branca. O principal trabalho da associação no momento é fazer com que a comunidade indígena do Xingu passe a entender o que significa a sociedade e todas as suas organizações. É preciso fazer este tipo de trabalho porque as comunidades indígenas vão estar ligadas a associações que elas precisam entender como funcionam e o que são. Nesses três anos de vida, parece que a comunidade entendeu algumas coisas. Antigamente, quando vocês faziam uma reunião da comunidade, muitas lideranças e assessores das lideranças não falavam porque não estavam entendendo o que era uma reunião. Hoje não, eu acho que hoje todas as lideranças e aqueles que fazem as traduções para os caciques compreendem claramente o que é uma reunião e o que é que está sendo falado. Hoje estão sendo debatidos os problemas internos das comunidades e isto para mim é muito importante. A associação tem participado de algumas reuniões fora, tem feito alguns convênios com o estado do Mato Grosso em relação às escolas indígenas e atualmente está tentando fazer um convênio com a FUNAI. Com o estado do Mato Grosso também há um convênio em termos de saúde, o PADIC [confirmar a sigla]. Estas são algumas iniciativas da Associação.

Agora aqui eu queria falar um pouco sobre as diversas em que vou e escuto falar do problema geral ad índio brasileiro. Está fazendo 500 anos que o branco está em contato com os índios e, até agora, vocês me desculpem dizer, a sociedade branca não trouxe nenhuma solução para o problema do índio. Portanto, mesmo sendo todos estudiosos, professores, cientistas, não conseguiram resolver o problema, um problema que está aí para todos nós, tanto brancos quanto índios. Eu me lembro que quando um grande cacique Kayabi faleceu, ele tinha falado um pouco antes: “Meus netos, eu cheguei até aqui. Daqui para a frente não tem jeito, não tem como fugir. Eu fugia com os nossos grupos, mas a partir do momento em que branco chegou, eu não tenho para onde ir, se correr no meio do campo, todo mundo vai ver aonde eu vou, porque já desmataram tudo. Então a minha guerra termina aqui, agora vocês é que levarão a guerra para a frente. Para mim, a guerra já terminou”. Mas parece que não, se vocês estão entendendo a língua do branco, parece que a guerra ainda não terminou, pois surgiram outros problemas. Os problemas indígenas estão aí, com as suas áreas estritas, umas ilhas no mapa do Brasil. Às vezes eu fico em dúvida sobre como posso participar para ajudar as comunidades indígenas. Temos que começar conversando com as comunidades, com as tribos, com os caciques, etc., perguntando: “Vocês têm alguma solução para isso?” “Não, não temos, quem deve saber são vocês, que sabem a língua do branco e devem entender alguma coisa para poder se defender dos problemas”. Aí eu digo: “Não, como eu já falei, nem eles têm uma solução para os problemas, eles estão me chamando para participar de uma guerra, de uma coisa que vai ajudar a destruir. Eles dizem que o índio tem que plantar, tem que criar boi, tem que tirar

madeira, porque tudo isso dá dinheiro. Mas isso não só apenas dinheiro, dá o contrário também, porque estou sendo chamado para destruir a natureza. É por isto que eu sempre lanço a pergunta: “O quê é que nós vamos fazer? Qual a solução para o nosso país? É destruir? É desmatar? É poluir os rios?”

Estou vindo aqui pela primeira vez e ouvi alguém falando que não há muita produção própria dos índios, que não há material dos índios, que nunca se vê o que eles fazem. O que eu tenho visto é o contrário, é tirarem o produto indígena, tirar o amendoim, tirar o milho, do índio, tirar tudo que o índio tem para substituir pelo arroz, pela soja, pelo gado. Para mim, isto não é uma produção correta. No Parque Indígena do Xingu, numa área área daquele tamanho, os índios ficam muito preocupados porque são todos ameaçados por invasões de invasões de madeireiras, de pescadores, etc. Em outubro do ano passado estiveram pescadores lá que os índios pegaram eles e levaram até o posto central da FUNAI. Os índios perguntaram para eles: “O que é que vocês estavam fazendo lá, dentro da nossa área?” “Ah, pescando, porque lá fora não tem mais peixe”. Nós dissemos que o erro era deles mesmos por terem chegado a esta situação. Eu disse: “Tá vendo, tudo isso é culpa de vocês, vocês foram estragando, estragando, estragando e agora o que tem aqui é nosso, não tem outros, e não tenho como dividir com vocês.” Quer dizer, eu acho que a gente tem que chegar num ponto e estudar melhor o que é que nós vamos fazer para o nosso futuro. Não podemos só ficar pensando: “O mundo vai acabar amanhã, o mundo vai acabar no ano 2000”. Eu acho que isso aí é um pouco ridículo, né. Bom, então é isso, eu gostaria de deixar por aqui minha conversa. Muito obrigado aí pela presença de vocês.